

POR UMA PEDAGOGIA DO ESCLARECIMENTO: Na Guerra Pura da Contrainformação a Primeira Vítima é a Verdade

Ronaldo Queiroz Morais¹

RESUMO

O presente artigo compõe esforço político-epistemológico no campo da pesquisa qualitativa com a finalidade de consignar a cartografia ciberfascista que corrompe a democracia no quadro da guerra pura centrada na contrainformação desencadeada pelas infovias na contemporaneidade. É nesse contexto que proponho a pedagogia do esclarecimento como vereda propensa a suportar a ofensiva autoritária. Trata-se de educação como prática de liberdade ante a pandemia viral de *Fake News*, que impõe o falso ora como cosmético, ora como veneno do real, a fim de abrir caminho ao avanço predatório do ultraliberalismo.

Palavras-chave: pedagogia do esclarecimento; Fake News; ciberfascismo.

FOR AN ENLIGHTENMENT PEDAGOGY: IN THE PURE WAR OF COUNTERINFORMATION THE INITIAL VICTIM IS THE TRUTH

ABSTRACT

This article presents a political-epistemological in the field of qualitative research, effort in order to highlight the cyberfascist cartography that corrupts democracy, in the framework of the of pure war focused on counter-information unleashed in contemporaneity. In this context the Enlightenment Pedagogy is proposed as a path to bear the authoritarian offensive. This is education as a practice of freedom in the face of the viral pandemic of fake news, which imposes the false sometimes as a cosmetic, sometimes as a poison of the real to pave the way for the predatory advance of ultraliberalism.

Keywords: enlightenment pedagogy; Fake News; cyberfascism.

Submetido em: 16/5/2024

Aceito em: 5/2/2025

Publicado em: 13/6/2025

*A crítica aí feita ao esclarecimento deve preparar um conceito positivo [...],
que o solte do emaranhado que o prende a uma dominação cega*
(Adorno; Horkheimer, 1985).

*Com efeito, com a globalização em tempo real das telecomunicações, cujo modelo
selvagem é a internet, a revolução da informação revela-se como uma delação
sistemática que provoca um fenômeno-pânico de boatos, suspeitas, o qual
está prestes a minar as bases deontológicas da “verdade”*
[...] (Virilio, 1999).

*Se as palavras servem para confundir as coisas, é porque a batalha a respeito
das palavras é indissociável da batalha a respeito das coisas*
(Rancière, 2014).

¹ Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS. Alvorada/RS, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-6322-1500>

INTRODUÇÃO

A potência crítica que mobiliza a escrita é a de refutar o ordenamento moderno que, amiúde, nos carrega à sombra das promessas da modernidade. Enfim, responder a cada contexto contemporâneo, tal como Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, a questão incontornável de nossa temporalidade: Por que a humanidade, depois de tantos avanços tecnológicos e científicos, escapa por completo das utopias emancipatórias do homem e mergulha na barbárie?

As primeiras décadas do século 21, de certa forma, desdobram, a seu modo, o ambiente intelectual do entreguerras vivenciado no século anterior quanto à crise do esclarecimento e à emergência do autoritarismo no cenário de anomalia do capital. De fato, as condições culturais e políticas que produziram o clima de terror, que se expressa no fascismo, ainda persistem na contemporaneidade, dado que as políticas aplicadas após a derrota nazista não desconstruíram os mecanismos de existência dessa ideologia que devassa o esclarecimento moderno no seu núcleo positivo. As referências fascistas estão obscenamente presentes nas vias das principais cidades do ocidente e, fundamentalmente, nas redes sociais. A tensão está posta. Nosso tempo é de inércia polar, de total paralisia dos corpos na frente dos écrans informacionais, por isso podemos falar, hoje, seguramente, de ciberfascismo. No ambiente virtual há importante hegemonia dos grupos políticos que impõem a barbárie a partir de *Fake News* carregadas de ódio. Os meios de ação no uso das redes informacionais são completamente racionais e pragmáticos, mas o conteúdo das narrativas carrega o grotesco e o absurdo. Ele é dissuasivo, porque por meio da mensagem bizarra cativa a emoção pública à completa imobilidade da ação política. É a pedagogia do pânico. O medo arrasta a massa das infovias à política do pior. O acidente político deflagrado nas urnas – com a vitória espetacular da extrema-direita – ilustra o cenário obscuro e perigoso. Realmente estamos diante do que Paul Virilio nomeou de Guerra Pura, isto é, contexto de esgotamento da política em sua essência temporal, consequência da substituição do espaço público pelo mundo privado das redes sociais, portanto, marca ambiente social em que os conflitos, tanto políticos quanto militares, estão centrados antes nas tecnologias de destruição do que no calor das tensões humanas, no corpo a corpo. É no ambiente frio das redes que a política e a guerra, concomitantemente, desdobram importante mutação.

O conceito de esclarecimento é importante para podermos pensar em mecanismos de resistência e superação do irracionalismo que se estende no corpo social. O esclarecimento acompanha o pensamento moderno como forma de livrar o homem do obscurantismo e do medo para recolocá-lo em sua maioridade. Os avanços tecnológicos e científicos, todavia, ainda estão distantes da desbarbarização do mundo contemporâneo. As ideias autoritárias fascistas são, *grosso modo*, uma forte reação às promessas da modernidade que malogram no tempo presente. Objetivamente, odeia-se a esquerda porque ela ainda persiste na utopia de deslocamento do paraíso, do céu à terra. O hiper-realismo fascista aposta na completa distopia do mundo. Nesses termos perversos, aqui é o inferno e o ódio é o pão nosso de cada dia que se obtém na guerra de todos contra todos.

Perante o exposto, o conceito de esclarecimento deve retornar à esperança passada com o propósito de recolocar na arena política as promessas modernas no mapa de uma utopia possível, posto que a liberdade da sociedade está alicerçada no pensamento que esclarece a ação racional. Há enorme trabalho político-epistemológico a ser realizado com a finalidade de escapar dos perigos da razão instrumental, salvaguardando a própria razão crítica dos germes da regressão política presentes no pensamento moderno. É exatamente esse núcleo positivo da modernidade, atacado impiedosamente pelo fascismo, que temos de salvaguardar.

Diante da guerra pura não há fortaleza segura. Os muros da escola são impotentes. O espaço escolar vive sob constante ataque de *Fake News* de toda ordem. A escola republicana liberal, amparada na política de expansão da educação, está perdendo seu território cultural hegemônico. Com efeito, a nova onda autoritária não se contrapõe apenas à esquerda política, mas também às instituições modernas e seus saberes escolares e acadêmicos. A escola carece de resistência pedagógica para não sucumbir ao irracionalismo autoritário, uma vez que se encontra, por demais, fragilizada pelo fraco “desempenho”. Ele resulta da universalização do acesso sem a devida ampliação da renda das famílias de baixo capital cultural, empobrecidas por políticas neoliberais e, igualmente, pelo ataque do capital, exigindo a espetacularização do ensino para produzir consumidores e trabalhadores dóceis a fim de ampliar a acumulação. O espaço escolar está sob ataque constante. Os professores e professoras, repetidas vezes, são objetos de críticas e acusações irresponsáveis. Pesa sobre eles toda a responsabilidade pelo “fracasso escolar”. A extrema-direita, a partir do êxito eleitoral, investe, por dentro do Estado, contra a autonomia pedagógica, e instaura, rapidamente, a distopia de militarização da escola. As bombas virais de informações falsas jogam papel decisivo nessa ofensiva belicosa. É nesse contexto que se faz necessário retomar o conceito de “pedagogia do esclarecimento” de Theodor W. Adorno, uma vez que a educação tem um papel importante, propenso a evitar o triunfo da barbárie a partir da produção de consciência verdadeira. É premente, porquanto a liberdade e a democracia necessitam de sujeitos emancipados. O discernimento básico entre o falso e o verdadeiro deve ocupar, decisivamente, o processo de ensino-aprendizagem com o objetivo de refutar os simulacros do real produzidos pelos grupos autoritários, os quais são disseminados por máquinas informacionais visando a corromper a verdade e os fatos que sustentam a liberdade e a democracia. Os saberes escolares na democracia são meios instrumentais ao exercício da liberdade política, e é aqui que acentuamos a premência de uma pedagogia do esclarecimento, pois, diante da guerra cultural ciberfascista, que ocupa as engrenagens da própria modernidade, temos de proteger a verdade das imposturas intelectuais que inflacionam as redes sociais, ameaçando a democracia e fomentando ódio.

GUERRA PURA, CIBERFASCISMO E CONTRAINFORMAÇÃO

As duas guerras totais do século 20 produziram, como efeito imediato, a intensa militarização das sociedades industriais. As tecnologias de destruição foram deslocadas à produção civil, massificando, assim, a produção de mercadorias e engendrando uma sociedade de massa. O padrão moderno de guerra inflexiona na contemporaneidade e toma outro rumo. De fato, a luta pela dominação do futuro e do controle hegemônico

não é travada, essencialmente, pelos exércitos liderados por Estados, mas por diversos grupos que operam o ataque nas redes informacionais em pequenas unidades, que, depois, se dispersam rapidamente e se recompõem ante as ameaças institucionais (Antoun, 2010, p. 217). O conceito de “guerra pura”, inserido nas humanidades por Paul Virilio, é seminal para que possamos descortinar o ambiente belicoso que impera em nosso cotidiano. Registro de pronto que minha apropriação conceitual está restrita ao político e às tecnologias da informação, dado que a máquina de guerra, descrita pelo autor, envolve um vasto modo de produção da destruição (Virilio, 1983, p. 28). Nesse aspecto, a guerra pura opera por meio das tecnologias avançadas. São aparelhos privatizados que se transformaram no motor de acumulação de capital. A guerra pura resulta da crescente expropriação das informações (dados pessoais) dos indivíduos a fim de acumular capital e sujeitar a massa. A internet – máquina de guerra transferida ao mercado – revela objetivamente o valor do conceito em tempos dramáticos de hiperconexão e de iminente acidente político.

Como toda a guerra, o efeito imediato é o de cativar para destruir. Por conseguinte, há importante componente ideológico na guerra pura que se desenvolve no interior das cidades contemporâneas. O objetivo ideológico na guerra é o de produzir um enorme véu com a intenção de cobrir a realidade e escantear a verdade. As tecnologias informacionais têm a potência de reprodução da contrainformação. Ela atua como uma “bomba”, destruindo completamente a existência da informação verdadeira. A emergência das redes sociais na Era Globalitária produziu uma súbita multiplicação dos pontos de vista, impactando negativamente na opinião pública (Virilio, 1999, p. 24). Por consequência, emergiram inúmeros “bunkers” de ávido consumo de contrainformação, sem qualquer possibilidade de diálogo e do contraditório. De certa forma, vivemos, hoje, antes em uma “Era da Contrainformação” do que a tão midiaticamente reverberada “Era da Informação”. Objetivamente, a contrainformação, como bomba informacional, não se esgota na simples explosão de informação falsa; há um poder-comover produzido por essas máquinas de visão que cativam literalmente os indivíduos com o intuito de impor o falso. O avanço da contrainformação, no entanto, somente encontra campo de expansão quando o Estado se torna minimal e impotente para garantir a liberdade e a democracia, porque trocou a política pelo mercado. É no transpolítico, enfraquecimento do espaço público, que a contrainformação impera quando as instituições perdem sua capacidade de assegurar os direitos de cidadania em benefício da acumulação infinita de capital. Em poucas palavras, o avanço da contrainformação é efeito direto da intensa desregulação das instituições a partir das políticas neoliberais que jogam indivíduos na insegurança econômica e ampliam o ceticismo político contemporâneo. Ou melhor, o desenvolvimento deste artigo segue um fluxo argumentativo em espiral, porque é impossível discorrer sobre bombas virais de mensagem falsa que favorecem o fascismo de nosso tempo sem retomar, repetidas vezes, sua causa essencial, isto é, o Capitalismo Tardio de tom ultraliberal.

O ciberfascismo é, hoje, uma máquina de guerra pura que se sustenta por meio da contrainformação. Ela é qualificada de “Fake News” no jornalismo. Isto é, o problema é posto no limite do uso e abuso da informação falsa. Aqui inflexiono o olhar, posto que a comunicação falsa é viral e corrompe a ordem democrática como uma bomba

de guerra. É bomba de pólvora fascista. Sem ela é impossível explicar o êxito eleitoral da extrema-direita no ocidente. Dizendo melhor, minha questão transcende a simples disseminação de informação falsa porque o acontecimento é por demais perigoso e arrasta a sociedade à regressão da democracia moderna. O fascismo do século 20 e o do século 21 é composto por uma massa fria de sujeitos despolitizados, unidos pelo ódio irracional, e suas armas são as máquinas de informação disponíveis no mercado tecnológico para impor o terror contra a sociedade democrática. Hoje é no ciberespaço que se travam os combates que, por meio da contrainformação, interferem na formação e na ampliação de mentalidades fascistas. A guerra pura é assédio automático por meio de ciberbombas de contrainformação. Assim, a ubiquidade da circulação das informações falsas produz rápido vínculo social, uma vez que afeta indivíduos de forma totalitária, produzindo articuladamente o fato falso e a opinião cativada pelo afeto triste. Na verdade, há apenas aparência de opinião, posto que registra a disseminação de “emoção pública”, o fenômeno pânico de massa.

Nesse sentido, a contrainformação que circula nas redes sociais corresponde ao modo de produção de realidade sem laços concretos com o real, propenso a formar subjetividades fascistas, ou seja, a comunicação é apenas a porta de entrada ao controle absoluto do corpo. As tecnologias informacionais, sem qualquer controle político, subtraem a relação corpo a corpo presente no espaço público por relações em rede completamente virtuais e privadas, produzindo, em tempo real, a ilusão da própria realidade. É a substituição da opinião pela emoção pública. De acordo com Paul Virilio (2000, p. 53): “[...] devido às tecnologias, estamos a perder tanto o corpo próprio, em benefício do corpo espectral, como o mundo próprio, em benefício do mundo virtual”. Em substância, o ciberespaço representa o solapamento da política, portanto é transpolítico, posto que impõe perda da realidade de si e do mundo, enclausurando sujeitos na “jaula de ferro do virtual” da pós-modernidade. As informações surreais, que circulam nas redes sociais e que contaminam corpos e mentes, são efeitos dessa “bomba informacional” que explode no coração das democracias contemporâneas.

Pesquisadores militares americanos sublinham o conceito de guerra em rede (*netwar*) no cenário de emergência da chamada “comunidade virtual”, a fim de alertar o emergente tom beligerante no ciberespaço. Trata-se de conflito que se encaixa na guerra de informação (Antoun, 2010, p. 210). A guerra em rede é de baixa intensidade e estrutura-se no interior das novas tecnologias informacionais de comunicação que estão disponíveis no mercado. É no ciberespaço que se ergue o teatro de guerra, no qual o conflito avança ordinariamente. Essa guerra pura, que solapa a democracia nas cidades, atua essencialmente no processo de subjetivação contemporâneo, ou melhor, no modo de produção dos sujeitos. No limite, quando sublinhamos o extremismo de direita como agente direto da guerra em rede, é na contrainformação que apontamos sua força motora, e seu alvo de agenciamento está na classe média massificada. A contrainformação vivencia, diante do crescente avanço neoliberal, a erosão de seu mundo de bem-estar social, porém não é tudo. Como parte considerável da burocracia estatal das democracias modernas é composta por estrato de classe média, o enfraquecimento das instituições ante o avanço do neoliberalismo produziu o terreno favorável ao êxito das guerras em rede, conduzidas, em larga medida, por agentes públicos. Logo, há crescente

ruptura de compromisso molecular dos indivíduos com as instituições das quais fazem parte. A exclusão recente, pelo serviço de informação americano, de parte da guarda de proteção ao Capitólio nos Estados Unidos, em janeiro de 2021, por suspeita de integrar grupos de ciberfascismo, é exemplo ilustrativo de que há impacto importante da guerra em rede sobre agentes públicos, principalmente da área de segurança (Graham, 2016, p. 32). O mesmo acontecimento é possível identificar no 8 de janeiro de 2023 em Brasília: uma massa tresloucada, essencialmente branca, de classe média – muitos funcionários públicos –, guiada pelo ódio disseminado nas infovias e pela distopia da completa militarização da política. Após investigação e apresentação das imagens – *self* e *live* dos próprios autores –, demonstrou-se evidente o papel fundamental dos funcionários da segurança pública para o “sucesso da ação” antidemocrática.

A contrainformação que inflaciona as redes sociais, ao contrário do imaginado pelo jornalismo comercial, não compõe qualquer manifestação de opinião política paralela. Ela contrapõe-se à informação produzida pelas instituições, uma vez que a *Fake News* escapa ao diálogo e à dialética. A informação institucional guarda, efetivamente, nexos com o mundo real. Há, no mínimo, alguma relação com o verdadeiro. Diferentemente, a contrainformação é o falso, é a falsa informação que objetiva desinformar para conquistar. Na guerra, a verdade é a primeira vítima. É necessário, sobretudo, eliminar o verdadeiro com a finalidade de obter as condições favoráveis para exterminar, conquistar e subjugar os corpos. Nessa perspectiva, sustentamos que o conceito de verdade, aqui exposto, está imbricado ao contexto de guerra pura, portanto diz respeito às bases deontológicas que devem sustentar o discurso no interior da democracia com o propósito de proteger a sociedade da barbárie. Evidentemente, o que ocorre nas redes informacionais não compõe a base moderna da liberdade de opinião, de luta política e epistemológica à composição da verdade, pois corresponde à hedionda ofensiva do falso que corrompe a vida democrática no interior das cidades.

Com efeito, a circulação de *Fake News* não se limita à disseminação de informação falsa, dado que a intenção é belicosa. Ela atua como movimento estratégico de contrainformação para cativar sujeitos que estão inseridos nas sociedades hiperindividualizadas, formando um enorme exército de ciberfascistas com a intenção de executar ações antidemocráticas de toda ordem. Assim, ergue-se uma comunidade de cibercombatentes fascistas que interfere nas emoções, sentimentos, desejos e impulsos subjetivos das massas de classe média. A banalização, cada vez mais extensiva, do acesso às infovias no ciberespaço, multiplica a inércia polar nos corpos de jovens e adultos infantilizados, paralisados em seus quartos e presos aos ecrãs de comunicação informacional (Virilio, 1999, p. 43), consumindo o ódio como o pão nosso de cada dia. São, *grosso modo*, desocupados, integrantes do exército de reserva da economia neoliberal e soldados ciberfascistas da ativa nas comunidades virtuais da guerra em rede. Todo o esforço presente na contrainformação, que ocupa as redes ciberfascistas, está inclinado à narrativa irracional que percebe o mundo real como mera expressão ideológica e o discurso ideológico, da extrema-direita, como a única realidade existente. É a consciência falsa do mundo que mobiliza a guerra em redes no espaço virtual. A representação de simulacro do real passa a ser a realidade imaginada por uma massa invisível aprisionada às bolhas de ódio.

O ciberfascismo é a expressão do novo conservadorismo que envenena as democracias ocidentais. São forças autoritárias que, inseridas na lógica da acumulação de capital das redes, alcançam poder para destruir a dinâmica das democracias. A tecnologia de comunicação informacional potencializa a ação dos múltiplos grupos de ódio que avançam sobre as instituições democráticas. O cenário, desde a crise de 2008, tem sido favorável, e o incremento da desigualdade social e a instabilidade econômica formam o meio ambiente de ódio, principalmente concentrado na classe média massificada. Também, complementando a contextura societal, há o enfraquecimento das instituições democráticas após o processo de desregulação de direitos sociais, fruto das ofensivas políticas neoliberais das últimas quatro décadas. Em poucas palavras, o rebaixamento da cidadania de classe média é o corolário do novo quadro fascista que vivenciamos no tempo presente. Assim como o fascismo do passado, o ciberfascismo não tem potência eleitoral para alcançar êxito no longo prazo, considerando que é uma ideologia de classe média incapaz de arrastar a classe proletária com a intenção de compor vitória eleitoral perene; por isso é preciso rejeitar a democracia. A democracia tem seu funcionamento essencial a partir da informação social que alimenta a luta política por justiça social. Então, o ataque sistemático à informação é a estratégia beligerante à conquista do poder político. A disseminação do falso tem propósito político imediato. Logo, o sistema político, que tolera a “bomba informacional” da contrainformação ciberfascista, acaba por se transformar, rapidamente, em simulacro de democracia. Afinal, é erro imaginar que estamos simplesmente diante de inflexão de opinião pública à extrema-direita; o fenômeno é outro: é a emoção pública que está sofrendo forte agenciamento belicoso graças à guerra psicológica das *Fake News* e, consequentemente, arrastada à extrema-direita.

Maurizio Lazzarato (2019, 38) apresenta o fascismo que habita a contemporaneidade como uma mutação do fascismo histórico, em razão de que ele é muito mais nacional-liberal do que nacional-socialista. O novo fascismo é ultraliberal, por isso há importante tolerância nas mídias comerciais aos seus “excessos” antidemocráticos. Diferentemente do fascismo do passado que se configurava como Estado Totalitário, o ciberfascismo impõe seu espírito totalitário exclusivamente na guerra cultural para desviar a atenção a fim de aprofundar a política de Estado Minimal, ou seja, aparelho burocrático fraco à realização de política de igualdade social e substancialmente forte para salvaguardar o mercado e os super-ricos de toda a coercitividade estatal. Estado forte, segundo os novos fascistas, serve apenas para reprimir os fracos. Efetivamente, a energia antidemocrática do ciberfascismo tem se concentrado na crítica violenta à revolução molecular dos anos 1960, que transformou radicalmente os costumes na modernidade. A maior parte das campanhas de ódio, postas nas *Fake News*, estão voltadas à luta tresloucada contra o avanço da cultura democrática que amplia a cidadania às mulheres, aos negros e aos homossexuais. Do mesmo modo, as campanhas de ódio também atacam o “politicamente correto”. Ele adquire novo significado à extrema-direita: o de opressão das minorias sobre os “homens de bem”, que estão sendo cerceados da “liberdade” de opinião. Ou melhor, reivindicam a liberdade de disseminar ódio empacotado de “livre-opinião”. Em síntese, os ciberfascistas carregam as infovias de contrainformação, insistindo na ideia de que a ampliação de direitos às minorias é o

meio político que visa a destruir os valores tradicionais para oprimi-los. Por exemplo, a teoria de gênero, que compõe estudos acadêmicos, foi renomeada no discurso de ódio como “ideologia de gênero”, com a finalidade de insistir na impostura intelectual de que há uma ideologia dominante, produzida pela arte e pelo conhecimento contemporâneo, que desvia homens e mulheres da “natural” heterossexualidade. O ciberfascismo desencadeia a chamada guerra cultural a partir da disseminação de narrativas falsas que monstrualizam a sexualidade e a vida cotidiana das minorias. É a estratégia vulgar com o propósito de subjugar as lutas políticas de igualdade no bojo das promessas da modernidade.

A PANDEMIA VIRAL DAS *FAKE NEWS* E O ESTADO NEOLIBERAL

Vamos ao conceito: *Fake News* são informações falsas disseminadas nas redes sociais e que se inserem como simulacro de realidade jornalística ou política. Há sempre uma expressão ideológica no corpo das narrativas falsas que assume a forma de simulacro, às vezes quase perfeito, da realidade apresentada. Nesse sentido, a produção de narrativa falsa corresponde a uma indústria sofisticada de falsa representação do mundo real. Em larga medida, são ciberguerreiros criminosos que, por meio das tecnologias avançadas de informação, multiplicam acentuadamente o falso a fim de destruir as bases democráticas. *Grosso modo*, não há produção de *Fake News* independente advinda de indivíduo singular que transporta, tresloucadamente, sua falsa consciência às mídias informacionais. Também, a disseminação do vírus da informação falsa não é uma praga divina. Instrutivamente, as narrativas falsas são as armas ideologizantes nas máquinas da desinformação, disparadas por grupos autoritários contra a democracia contemporânea com a finalidade de produzir efeitos políticos de sujeição moral sobre instituições, indivíduos, raças, gênero e classes sociais.

Não é tudo. A narrativa que configura a *Fake News* não se reduz apenas à informação falsa, dado que, essencialmente, carrega impulso belicoso de contrainformação. Não são simplesmente mensagens falsas para desinformar, mas máquina de guerra com a intenção de destruir a sociedade civil. É fato que a explosão dessas bombas informacionais cativa e sujeita os corpos. A pandemia viral de informações falsas, como toda pandemia, tem seu motor disseminatório no modo de produção social, da mesma forma que nos parece óbvio que é tolice atribuir à pandemia do coronavírus (2020/2021), exclusivamente, a potência biológica intrínseca do vírus. Isto é, impossível negligenciar a textura globalitária que compõe a totalidade da potência da expansão viral com a mundialização da circulação de capital. Dela decorre o crescente trânsito global de pessoas e mercadorias. Além disso, não podemos omitir a política do Estado Neoliberal, que prioriza a saúde da acumulação ilimitada de capital, o sacrossanto mercado, em absoluto detrimento da saúde dos seres humanos.

Mutatis mutandis, a leitura crítica da pandemia viral das informações falsas, igualmente implica a compreensão do quadro histórico no qual o falso se sobrepõe ao verdadeiro, ou melhor, o falso produz e reproduz afinidade afetiva que corrompe o verdadeiro. É necessário realizar, portanto, a crítica desse aparato de disseminação de informações falsas a partir da apresentação da paisagem social que compõe o quadro do Capitalismo Tardio ultraliberal, na medida em que as contraverdades são, antes, efeito

de degradação da economia política do que causa da crise societal do mundo atual. Em frase instrutiva, não é a explosão de informação falsa a causa essencial da corrosão de nossa democracia, posto que ela representa consequência imediata da precarização da vida social por meio de décadas de políticas neoliberais. Quanto maior a integração neoliberal da nação, maior é o fluxo e o êxito das bombas virais de informação falsa.

Em realidade, a pandemia viral de contrainformação é resultado da erosão da democracia contemporânea, jamais sua causa imediata. Isto é, o malogro eleitoral dos partidos progressistas no contexto imediato, após saraivadas de ataques de informações falsas, apenas pontua a paisagem geral de crise da representação política decorrente do avanço das políticas neoliberais. Os esforços políticos para conter a pandemia viral das ciberbombas de contrainformação tornam-se inócuos quando restringimos a ação, exclusivamente, ao vírus do falso, assim como a política do isolamento social e a da vacinação obrigatória não eliminarão a emergência de novas pandemias virais, de banir memes de ódio da internet e de estabelecer comissões de especialistas a fim de averiguar a veracidade das informações e a política de multa às empresas de plataforma de disseminação do falso (Twitter, Facebook, WhatsApp e outras) também não evitarão a permanência do quadro social que produz e reproduz a barbárie (Morozov, 2018, p. 182). O efeito destrutivo imediato, todavia, produzido pela disseminação de *Fake News* sobre a democracia, é fato incontornável. Assim como o coronavírus, o esbatimento do corpo social, decorrente da pandemia, não deve ser tangenciado pela leitura crítica. Em suma, a questão passa pela crítica incontornável ao capital neoliberal, e a solução permeia o caminho de reestabelecimento do bem-estar social e o fortalecimento das instituições públicas.

As raízes estruturais dessa pandemia viral de contrainformação estão postas no profundo mal-estar da civilização contemporânea. A crise da economia global e o avanço das políticas neoliberais estão corroendo os laços de bem-estar social que amparavam as promessas políticas da modernidade. O colapso econômico de 2008 aprofundou o ceticismo que abriga o imaginário das sociedades massificadas e abriu a “caixa de Pandora” que abrigava o fascismo, o qual se imaginava completamente morto no ocidente. Nesse quadro, as ciberbombas de contrainformação são a ponta do iceberg que ameaça o pleno navegar da democracia. É fundamental o desvio desse bloco de gelo imperceptível em relação ao iminente acidente das comunicações, porque desagrega a sociedade e a democracia. Por certo, o iceberg malogra o navegar das embarcações porque nos descuidamos, amiúde, de seu real perigo. É preciso considerá-lo como enorme bloco de gelo, de bases profundas, que ameaça constantemente a tripulação. Em substância, o que de fato provoca a corrosão da democracia e a explosão pandêmica de informações falsas é a existência de instituições modernas vazias de sentido democrático e de bem-estar social. Em síntese, a desconstrução neoliberal das políticas de proteção social desencadeou crescente mal-estar na sociedade contemporânea, favorecendo a emergência de indivíduos fragilizados financeiramente, emocionalmente e, portanto, completamente vulneráveis à propaganda de ódio que explode nas redes sociais. Vale afirmar que o fascismo prospera no terreno das sociedades contemporâneas que não amparam sua democracia nas políticas de igualdade social.

Diante disso, é preciso elaborar uma cartografia social quanto ao discurso de ódio do tempo presente. Ele sustenta-se na mensagem falsa que circula nas infovias. Transcende, no entanto, ao mero discurso disseminatório de narrativa falsa. É preciso descrevê-lo em sua real dimensão e em sua dinâmica de funcionamento estrutural. Para tal, é imprescindível constituir análise a partir da economia política, pois é frágil a leitura desse fenômeno pandêmico exclusivamente por seu efeito político negativo sobre a democracia. Trata-se de guerra por meios informacionais. Melhor dizendo, guerra psicológica restrita às redes. O sucesso eleitoral de candidatos, que a mídia qualifica de populistas de extrema-direita, é resultado de estruturas mais profundas do que de fatores imediatos que acionam a guerra cultural racista, sexista e anticomunista. É impossível tangenciar do problema às bases econômicas que desestabilizam as relações de trabalho e impõem um novo modelo de acumulação de capital baseado em plataformas que lucram incessantemente, inclusive com a disseminação do ódio nas redes sociais.

Ainda, há o canto de sereia dos *think tanks* que ressignificam o discurso científico a fim de atender à progressão das políticas neoliberais. São “startups ideológicas” que têm efeito nocivo sobre a ordem democrática. Em nome da razão instrumental, quer dizer, dos interesses corporativos, especialistas justificam a ordem global inserindo cosméticos sobre a dura realidade de queda de bem-estar social. Além disso, também há o papel importante da mídia comercial, que insiste na veiculação do discurso único, já desgastado, das privatizações, da receita amarga e do mercado como panaceia para todos os males sociais. A persistência da negação da crise econômica estrutural produz ceticismo nos indivíduos e a consequente negação do discurso dos especialistas (Morozov, 2018, p. 184-185). Paradoxalmente, o ávido consumo de *Fake News* é, igualmente, uma reação ao discurso cosmetizado dos intelectuais do capital, adoradores do mercado globalitário, posto que há uma forte reação aos meios de comunicação de massa que sustentam a narrativa hegemônica da mundialização capitalista. O antiglobalismo ciberfascista é uma reação extremada ao discurso midiático dominante. A mídia comercial está perdendo credibilidade ordinariamente, enquanto avança a guerra em rede das narrativas falsas. Os ciberfascistas inserem muito mais veneno e cosmético na informação, a ponto de também envenenar o jornalismo tradicional. Ele, amiudadamente, tem absorvido e naturalizado a cultura tóxica das vias informacionais.

O historiador Timothy Snyder (2019, p. 17) define os integrantes da extrema-direita como partidários da política da eternidade. Eles carregam uma nova experiência de tempo, que corresponde à temporalidade de sentido não linear e que, consequentemente, subtrai a expectativa de progresso e de futuro melhores. Essa temporalidade é circular e traz de volta, de forma incessante e infinita, as mesmas ameaças do passado. Trata-se de política que resgata os fantasmas dos séculos passados. Assim, a luta anticomunista emerge como esquizofrenia política, bem como o aguerrido moralismo contrário à revolução sexual dos anos 1960. Os adeptos da política da eternidade suprimem fatos para negar a realidade. Eles se expressam por meio de *Fake News*, objetivando subtrair a narrativa institucional, política e científica. Há uma ofensiva sem trégua com o intuito de impor um processo de subjetivação autoritário. Nesse cenário, toda a informação institucional passa a ser classificada como falsa a fim de sustentar a

ficção política. A política da eternidade alcançou êxito político-eleitoral por meio de guerra em rede, inclusive na maior democracia do mundo moderno, os Estados Unidos, mas a força motriz está na articulação do novo autoritarismo de tom fascista ao poder econômico do mercado global. Realmente, sem os capitalistas da indústria do aço não haveria Hitler; o mesmo vale ao ciberfascismo do tempo presente; sem os super-ricos das *Big Techs* não haveria Trump.

Sem dúvida, a explosão rápida da pandemia viral de contrainformação, que reintroduziu o fascismo à gramática política do século 21, está alicerçada no neoliberalismo. Consoante Maurizio Lazzarato (2019, 50), “a missão desse novo fascismo não é combater uma oposição que não existe, mas levar a cabo o projeto político que está na base das políticas neoliberais”. É o ultraliberalismo que separa o ciberfascismo do fascismo pretérito. Ele evidencia a ligação direta entre o capitalismo rentista da contemporaneidade e a emergência de governos de extrema-direita sustentados pelos consensos fabricados por meio de informações falsas. O êxito da pandemia viral das *Fake News* resulta do enfraquecimento das instituições e, conseqüentemente, da queda da qualidade da vida social a partir da hegemonia das políticas neoliberais. Eis a conjuntura de mudança de cenário do sistema capitalista, na qual emergem monstros políticos de toda ordem. Em outras palavras, a explosão de ciberbombas de contrainformação, que corrompe a democracia contemporânea, é o resultado de uma mutação profunda no sistema capitalista que consigna o enfraquecimento e a despolitização da esfera pública, com a intenção de ampliar a reprodução de capital. Desse modo, as políticas neoliberais e a indústria de contraverdade andam de mãos dadas, posto que disseminar o falso é meio importante de sujeição dos corpos ao mercado global. É por isso que o imenso poder dessas máquinas de desinformação está composto por ideias facilmente encontradas na cartilha neoliberal. Em poucas palavras, está sobescrita na sentença fundamentalista que a economia é tudo e a vida simples apêndice do mercado global. A massa ciberfascista tem consciência plena da queda de proteção social, mas seu ultraliberalismo ideológico aponta o problema à fantasiosa degeneração cultural e jamais o direciona ao capitalismo rentista. A “mão invisível” que esconde o real interesse do capital é a mesma mão que dissolve a resistência política dos trabalhadores.

A PÓS-VERDADE E A PEDAGOGIA DO ESCLARECIMENTO

Estamos diante de contextura epocal de esbatimento do diálogo, de barbárie e intolerância. As redes sociais e as mídias tradicionais, cada qual ao seu modo, apresentam gente tagarelando com a finalidade de sustentar ideias descoladas dos fatos, em alteridade radical, ou seja, sujeitos centrados em si, sem contabilizar os fatos reais, as palavras do “outro” e os saberes dos especialistas. Em uma breve genealogia do fenômeno: o capitalismo tardio tem sua narrativa política e econômica sustentada no neoliberalismo. A ofensiva das políticas ultraliberaes produziu, nas últimas décadas, importante desregulamentação das estruturas modernas que asseguravam bem-estar e cidadania aos indivíduos, o que resultou no paulatino enfraquecimento das instituições. É esse fenômeno que favorece a miséria narrativa que dissemina o falso a fim de assegurar a sujeição do social ao econômico. A poluição política de *Fake News* que destrói a paisagem democrática a partir das redes sociais, é apenas o efeito de

mudança de cenário no sistema capitalista. O império do medo e do ódio decorre de desdobramento dos meios de acumulação e reprodução do capital. Ele resulta no horror econômico que aterroriza os indivíduos. O avanço da extrema-direita é parte importante dessa composição societal. Impossível falar da dissuasão do falso sem nada dizer do capitalismo da Era Neoliberal. Em síntese, o Estado Democrático e as instituições estão corroídos, essencialmente, pelas políticas neoliberais que favorecem o rentismo global. A *Fake News* é apenas o corolário da agressividade pragmática e irresponsável do ultraliberalismo triunfante.

É aqui que podemos inserir a emergência da pós-verdade. Anualmente, a Oxford Dictionaries, departamento da universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, escolhe uma palavra à língua inglesa que naquele ano viraliza na linguagem ordinária. A palavra de 2016 foi “pós-verdade” (“post-truth”). Eis o conceito posto: é um adjetivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e às crenças pessoais”. Em suma, o conceito desdobra a subtração da verdade e o esvaziamento da dialética na comunicação contemporânea. Em poucas palavras, a pós-verdade é o cenário de terra fértil à explosão das bombas virais. A textura de pós-verdade corresponde a uma época em que a verdade não carrega valor para se contrapor ao falso. A dialética retórica, baseada no bom senso e na razão, é, amiudadamente, substituída pelo terror ideológico. Michel Foucault (1996, p. 35), na obra “A Ordem do Discurso”, afirma que na modernidade era “necessário estar no verdadeiro” para que o discurso produzisse efeitos de verdade, isso tudo esbate-se completamente na pós-verdade – contexto em que estar no verdadeiro já não produz qualquer efeito positivo sobre os corpos. Objetivamente, o quadro de pauperização socioeconômico neoliberal arrastou a sociedade à pós-verdade. Sem ela a *Fake News*, que inflaciona as redes sociais, seria apenas motivo de riso estridente.

De igual modo, os meios informacionais de produção e circulação do falso favorecem o agenciamento em massa. As tecnologias das redes inovam rapidamente os meios de produção da contrainformação de tal forma que já há crescente automação na descarga das contraverdades. São robôs que simulam internautas com o desejo de potencializar adesão ideológica. Por certo, a cada êxito das informações falsas o espaço público torna-se menos democrático. Malgrado, é erro imaginar que a pandemia viral das *Fake News* resulta, essencialmente, de ignorância e de fundamentalismos de toda a ordem. O crime de disseminação do falso é estrutural e está imbricado à dinâmica de mutação do sistema capitalista. As políticas neoliberais produzem o enfraquecimento das instituições a partir da estruturação do Estado Minimal, que se coloca totalmente impotente para assegurar as bases da segurança social, pois sua potência está centrada a fim de atender ao capital rentista. Assim, é nesse cenário amplo, de alteração do capitalismo contemporâneo, que a pós-verdade toma forma. Diante do importante rebaixamento da qualidade dos serviços públicos, emergem indivíduos céticos à representação política e à credibilidade das instituições.

É nesse ambiente social, fabricado pelos Estados Neoliberais, que a paisagem autoritária se compõe. De fato, a barbárie do falso está entrelaçada à emergência de política neoliberal que impõe simulacro de democracia sem os freios da resistência

popular, com o propósito de receitar livremente o remédio amargo de difícil ingestão aos eleitores. A guerra pura da contrainformação é travada por meio das mais avançadas tecnologias informacionais, e os estrategistas são os donos do capital que mobilizam milhões de soldados do caos para disseminar o falso e liberar o mercado das amarras do controle político. Não há como negligenciar a degradação sociocognitiva, decorrente do enfraquecimento das instituições, que deriva das políticas neoliberais. Ela é responsável pela completa apatia política perante a barbárie da guerra pura que opera no cotidiano. A extrema-direita avança sobre as instituições e a governança neoliberal abre os portões de proteção democrática com a intenção de fragilizar politicamente a sociedade e incrementar o fluxo antidemocrático. O êxito das *Fake News* resulta da letargia das instituições ante o poder total e totalizante dos mercados globais, que se impõe a partir da desregulamentação irresponsável do Estado. As instituições modernas estão impotentes, sem credibilidade para assegurar o campo do verdadeiro que abriga a civilização das ameaças de barbarização do espaço público. Parafraseando Francisco Goya: “o sono das instituições produz monstros”. É preciso despertar as instituições da letargia imposta pelas políticas neoliberais por meio de trabalho político e epistemológico.

Quando pensamos o problema em termos de economia política, é possível mensurar a persistência das condições que asseguram o retorno do fascismo na contemporaneidade. A presença de instituições enfraquecidas e o crescente aumento da concentração de capital, que impacta, igualmente, na queda do bem-estar social das camadas de classe média, formam a paisagem autoritária que amplia o terror e a barbárie. São os indivíduos de classe média que aderem rapidamente ao fascismo, posto que, de posse de consciência de classe subjetiva, desejam manter seus privilégios, *status* social e ainda ampliá-los, enquanto a embarcação das políticas de segurança social submerge no mar da insegurança econômica. Essa camada socioeconômica é que concentra o maior número de soldados do ódio e que transfere à esquerda a culpa do malogro de sua condição social em vez de apontar suas frustrações ao aparato que, verdadeiramente, causa a desordem econômica (Adorno, 2020, p. 46). São as condições objetivas vivenciadas pelos indivíduos na cidade do capital que transformam a personalidade autoritária desses ciberguerreiros do ódio em fato político. O caráter destrutivo do ciberfascismo amplia-se com a intensificação das políticas neoliberais que desestabilizam o Estado Providência. O fascismo é o filho pródigo do capitalismo, que retorna ao lar em tempos de crise a fim de acelerar a espoliação sobre a sociedade e o meio ambiente.

A guerra pura da contrainformação avança contra o sistema de educação, posto que necessita desacreditar os conhecimentos produzidos e veiculados pelas instituições de ensino e pesquisa. O saber dos especialistas é sobreposto por discursos irresponsáveis apoiados na ficção e na ideologia extremista. Com efeito, a *Fake News* não é desinteressada; há interesse político e comercial evidente. Em cada narrativa falsa veiculada na rede está o ultraliberalismo como narrativa dominante. Basta acompanhar a posição dos super-ricos perante a questão. Eles são favoráveis à persistência do caos comunicacional em nome da “liberdade de opinião”. A informação falsa é, sobretudo, ideologia do capital. Por exemplo, as narrativas falsas referentes ao contexto pandêmico do

coronavírus tiveram o interesse de salvaguardar a economia em detrimento da vida humana. Isto é, há uma forte relação entre o interesse de ampliação da reprodução do capital e a explosão da contrainformação na guerra em rede. Estamos, portanto, no limite da barbárie e da ampliação da violência física e psicológica sobre os corpos. É nessa composição societal que temos de pensar estratégias pedagógicas propensas a evitar que Auschwitz se repita. São tempos obscuros de necropolítica ultraliberal, favorecidos pelo ambiente poluído de informações falsas. Então, é imperativo o trabalho político-epistemológico com a intenção de evitar a completa regressão à barbárie.

Nessa perspectiva, aciono a imaginação teórica a partir da tradição crítica de Theodor Adorno e Paulo Freire, autores que, independentemente das diferentes veredas de construção teórico-metodológica, apresentam crítica substantiva ao autoritarismo e vias de emancipação. Tenho interesse, sobretudo, nas formas de reflexão dos autores. É por essa vereda, portanto, que faço a modesta sugestão de uma “pedagogia do esclarecimento”. Em absoluto, não é a proposição pedagógica que deve substituir ou subordinar as demais, mas consigna a questão pedagógica pertinente para resistir à pandemia viral da contraverdade, que inflaciona as redes sociais e contamina a democracia e os espaços de ensino-aprendizagem. A autoridade dos especialistas está em inclinada corrosão. A começar pelo espaço escolar, a fala do professor é, amiúde, posta em dúvida pelos alunos e alunas, pelos pais e pela sociedade em geral. As bombas de contrainformação e as informações de *sites*, *blogs*, *podcast* e das plataformas põem em descrédito a autoridade docente (Charaudeau, 2022, p. 167), além dos ataques de má-fé da extrema-direita. A título de exemplo, a “Escola Sem Partido” é uma realidade artificial criada pelo ódio nas redes sociais. Ela, no entanto, avança contra a liberdade pedagógica da escola e dos docentes. É ação belicosa no afã de destruir o esclarecimento moderno. A razão crítica está sob ataque viral. Assim, a disseminação bizarra da ideia de que a “Terra é plana” esconde o propósito maior: o perigo do acontecimento *fake*, isto é, a destruição das bases deontológicas da verdade que sustentam os saberes e conhecimentos modernos. A resposta à crise da comunicação contemporânea, então, passa pela economia política, que refaz, ordinariamente, a crítica ao capital a partir das premissas do esclarecimento intelectual e da autonomia pedagógica. Os autores supracitados estão aqui como opção de diálogo intelectual e de resistência político-epistêmica à iminente barbárie neoliberal, uma vez que a proposição de pedagogia do esclarecimento não é uma expressão teórico-metodológica, mas uma política epistemológica de práxis reflexiva.

É trabalho político-epistemológico porque deve interferir a fim de superar tanto a constituição das subjetividades dos que ensinam e aprendem quanto as políticas de desigualdades sociais do mundo neoliberal, no qual vivenciamos a dramática pauperização socioeconômica. Ao contrário da fraseologia das mídias comerciais, o problema contemporâneo não mora no crescente ativismo político das coisas (polarização política), mas exatamente na sua ausência, em benefício da ideologização absoluta da vida social. O transpolítico que domina o cenário social é o vazio da política como substância transformadora do real. A retomada da economia política é o que deve mobilizar a pedagogia do esclarecimento, pois a política no território democrático desdobra avanço significativo da igualdade social. Do contrário, resta-nos o transpolítico,

simulacro de democracia, ou melhor, a barbárie. Também é uma crítica à instrumentalização da razão no bojo do esclarecimento moderno. A mutação da razão como técnica cognitiva alimenta o Capitalismo Tardio. Trata-se de trabalho político-epistemológico, uma vez que pretende preparar o conceito positivo com o propósito de libertar o esclarecimento de sua carga negativa que subordina os homens à lógica cega do mercado. O esclarecimento deve colocar o homem, de fato, na maioria e viabilizar o cumprimento das promessas da modernidade.

Não há aqui nenhuma inclinação idealista; o contexto é dramático. A pedagogia do esclarecimento é esforço a fim de desbarbarizar a realidade imposta. Ela é a política-epistemológica diante da iminente presença ameaçadora de Auschwitz, que assombra a civilização. Consoante Theodor W. Adorno (2020, p. 120), “O simples fato de ter ocorrido já constitui por si só expressão de uma tendência social imperativa”. O filho pródigo retornou e com ele todos os medos e monstros modernos. Assim, a pedagogia do esclarecimento inclina-se para descortinar o véu ideológico da barbárie ordinária a partir do reconhecimento dos mecanismos da banalidade do mal. Ou seja, máquinas de subjetivação autoritária que arrastam pessoas comuns a atos de violência contra os direitos humanos. Então, a pedagogia do esclarecimento labora, também, para que indivíduos tomem consciência desses mecanismos de agenciamento autoritário, com a disposição de impedir que Auschwitz se repita no século 21. A educação ao esclarecimento está dirigida à constante autorreflexão crítica e fomenta esforços pedagógicos em toda a topografia de ensino, desde a primeira infância até a formação geral de jovens e adultos para inviabilizar a barbárie na contemporaneidade. É uma crítica radical à infraestrutura do capital e à superestrutura fascista.

Em substância, a pedagogia do esclarecimento reporta-se a laborar estratégia e tática político-epistemológica com a finalidade de evitar toda e qualquer ameaça ao espaço público e à democracia. Trata-se de pedagogia crítica que se insere na tradição democrática moderna, com o desejo de assegurar os meios necessários de construção de igualdade social. A pós-verdade e a pandemia de *Fake News* atravessam os muros da escola, enfraquecendo as instituições de ensino. O espaço escolar está sob cerco perigoso. O discurso docente, a partir do agenciamento ciberfascista, toma a forma de doutrinação ideológica. A explosão de informações falsas, com forte conteúdo preconceituoso, atinge os corpos enfraquecidos pela ausência de políticas de bem-estar social. O fracasso escolar é transferido às vítimas do sistema educacional neoliberal. O fraco desempenho cognitivo, contabilizado pelo mercado pedagógico neoliberal, tem sido atribuído ao maior pedagogo do país, Paulo Freire, e aos professores e professoras, que – segundo os detratores – trocaram a técnica de ensino pela política ideológica, enquanto a mão do mercado neoliberal, autor do crime social, permanece invisível. Afinal, ensino precário resulta, necessariamente, de escolas precarizadas e desempenho cognitivo insuficiente. É o mal-estar gerado por uma economia irresponsável de gasto mínimo com o social. Efetivamente, o ódio conduzido pela classe média autoritária está centrado nas massas empobrecidas do Capitalismo Tardio. Assim, o trabalho político-epistemológico de desconstrução das contraverdades impõe uma leitura crítica das políticas de distribuição e de acumulação de riqueza nas sociedades modernas, bem como da interação dos processos políticos e democráticos com as relações econômicas

dominadas pelas forças do mercado global. Dito de outro modo, convém demonstrar que o falso é o cosmético perverso que visa a esconder a verdadeira face do medo que alimenta os preconceitos e a violência à alteridade marginalizada. É a face monstruosa da política do pior, de inclinação neoliberal. Por conseguinte, a compreensão dos fenômenos que decorrem dessa sociedade pervertida pelo mercado demanda uma leitura crítica da realidade material, na qual as ideologias disseminadas como *Fake News* se tornam dominantes. A pós-verdade não é fruto de total dissonância cognitiva, pois resulta do empobrecimento da sociedade nas últimas décadas. Ele é o mal-estar da civilização contemporânea.

Em termos estratégicos, a pedagogia do esclarecimento concebe a escola como espaço público e todos os integrantes como uma comunidade de iguais. Ela é pedagogia crítica e está integrada à democracia. É resposta direta ao autoritarismo que cerca a escola. O espaço escolar na Era Neoliberal produz e reproduz desigualdades, no entanto, do mesmo modo, é território político da modernidade, ou seja, lugar de lutas pela emancipação. O conceito de igualdade é o de contraposição à realidade imposta pelo mercado, dado que a desigualdade sinaliza a iminente barbárie que ameaça o retorno de Auschwitz. O esclarecimento exige, da mesma forma, a emancipação do homem; o homem deve ocupar sua maioria. Ele deve ser responsável por sua existência bem como da sociedade e do meio ambiente. A emancipação é ato libertário que emerge da luta por democracia plena e justiça ambiental. É viver no comum, distante do hiperindividualismo dominante. Jan Masschelein e Maarten Simons (2014), essencialmente inspirados em Jacques Rancière, tecem reflexão importante sobre filosofia da educação para emancipação com as seguintes palavras:

[...] Emancipação não é se tornar consciente de uma exploração, alienação ou negligência que uma pessoa de outra forma, não saberia. De acordo com Rancière, aqueles que se emancipam o fizeram, e o fazem, ao reivindicar e praticar uma forma de pensar, falar e viver, que não foi ou não é “deles”, que não foi ou não é apropriada, que não corresponde a seu nascimento, seu destino, sua natureza apropriada. O ato da emancipação é a decisão de falar e pensar a partir do pressuposto da igualdade de inteligências [...], de acordo com a ordem vigente e a partilha do sensível. O ato de emancipação é a saída da forma como se é designado para um lugar na ordem social, o ato através do qual se interrompe a configuração na qual se tem certa posição e se pode ver, falar e fazer algo [...] e assim um ato que distancia a pessoa dela mesma (p. 87).

A emancipação é ato consciente de luta para evitar o retorno de Auschwitz. É ato de mobilidade do corpo diante do que é pré-dado pela ideologia do mercado neoliberal. A mudança do posicionamento livre dos corpos favorece a igualdade, há empatia e instaura a política de não segregação. A igualdade política é o ato de integrar as diferenças a partir da capacidade individual e coletiva de transpor-se à condição do outro, do diferente. A pedagogia do esclarecimento torna imperativo educar às diferenças, objetivando formar uma comunidade de iguais, com o pretexto de fomentar a democracia que trabalha nos seus pressupostos essenciais. É a pedagogia que caminha por veredas emancipatórias a fim de cumprir as promessas da modernidade, que insere o esclarecimento no universal. É preciso lembrar sempre que toda a barbárie contemporânea é acontecimento produzido por governos autoritários que empobrecem

o imaginário social e econômico. Assim, esclarecimento e emancipação são faces do mesmo propósito pedagógico.

A composição epocal é de guerra pura, de ofensiva ciberfascista anticientífica e anti-intelectual, que, por meio das redes, impõe a contrainformação com o intuito de abrir espaço aos governos autoritários. O pensamento do estrategista Paul Virilio (2000, p. 53) é profícuo à pedagogia do esclarecimento na medida em que propõe o retorno ao diálogo com a intenção de salvaguardar a democracia na contemporaneidade. A resistência ao inominável, que perverte os fatos e o verdadeiro, demanda o apoio da linguagem, da leitura e da escrita de inclinação emancipatória. A transformação da realidade social impõe interpretação crítica do mundo, quer dizer, uma leitura política do real vivenciado ordinariamente. É necessário retomar o mundo. Aterrorizar, expressão de Bruno Latour (2020), novamente na realidade do mundo, em prol de salvaguardar a livre-existência humana e ambiental. É preciso remover toda a poluição visual de narrativa suja que sustenta o ódio ciberfascista e impõe o negacionismo absoluto do esclarecimento. É ato político-emancipatório porque é a retomada do espaço público e da democracia – e não há prática política e democrática fora da linguagem e do diálogo. As bombas virais de contrainformação prosperam graças ao isolamento social que produz indivíduos ilhados em si mesmos, subordinados às telas de todas as dimensões que compõem máquinas informacionais interessadas, a serviço das novas formas de exploração e acumulação capitalista. Trata-se de reconexão com o comum no território público. Conforme Bruno Latour (2020, p. 11), “Para resistir a essa perda de orientação comum, será preciso aterrorizar em algum lugar”. É preciso saber como se orientar. A cartografia que subscrevo é a do esclarecimento e da emancipação.

Na pedagogia do esclarecimento a educação consiste em prática de liberdade. A essência da autonomia está na consciência livre para circular os corpos no território de luta à emancipação. A potência de discernimento entre o falso e o verdadeiro é ato de liberdade intelectual e política. Na “Era da Contrainformação” a pedagogia do esclarecimento exige trabalho político-epistemológico para retirar o véu ideológico ciberfascista presente nas *Fake News* e demonstrar, no território do verdadeiro, que são narrativas falsas, banalidades do real, uma vez que estar no verdadeiro é atitude crítica de transformação do real que oprime os sujeitos. A crítica ao mundo existente, do mesmo modo, é a produção de outro mundo possível. É a luta contra o mundo existente que estabelece os meios à política de um mundo radicalmente diferente. Todo o esforço de interpretação do real deve corresponder ao desfazimento do falso e à recolocação dos problemas sociais e econômicos no território do verdadeiro. Esse é o momento de fortalecimento da ciência como caminho de iluminação da realidade opaca do mundo, e também de defesa da política e das instituições democráticas como via civilizacional contra a barbárie.

As armas da pedagogia crítica devem estar carregadas de política e de epistemologia, pois é necessária uma significativa interpretação do mundo a fim de transformá-lo. A liberdade é uma conquista dos indivíduos sujeitados aos diversos níveis de poder. Consoante Paulo Freire (1996, 119), “a liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado”. A liberdade é ato político. O estabelecimento da maioria do

homem é a conquista da autonomia, ato de tornar-se livre do que o oprime ordinariamente. A autonomia é uma construção que se configura na luta cotidiana pela liberdade de pensar e agir a partir de si, imbricada ao outro e ao mundo. A construção de si é ato político, portanto coletivo. Logo, é fundamental ao educador crítico inserir o esclarecimento com a finalidade de perceber e desconstituir todo o poder que oprime a cada indivíduo no espaço familiar, escolar, nas redes, no mercado, no aparato estatal e na ciência militarizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Herbert Marcuse (1999, p. 216), referindo-se ao discurso político fascista, afirmou que o esforço mais importante da propaganda: “[...] foi ensinar que as ideias altamente louvadas de justiça social, igualdade de oportunidades, representação, lei e ordem internacionais não passam de manobras ideológicas, um véu tênue por trás do qual os interesses do poder e do dinheiro continuam a se firmar”. Efetivamente, o discurso fascista investe contra as bases da civilização moderna, sobretudo no contexto de malogro das promessas inseridas no conjunto da modernidade. O fascismo é o arauto do colapso societal das esperanças contemporâneas. Ele denuncia o caos político liberal, mas limita-se ao terror declaratório do pânico total. É niilismo político. Assim, o ciberfascismo mantém a chama do discurso do medo acesa para provocar o colapso político. Ele prega em terreno favorável, cenário transpolítico de crise do Estado Providência, utilizando a guerra em rede com a intenção de ampliar sua horda de fanáticos. O discurso está alicerçado na completa distopia do mundo; não há promessas de outra realidade possível, apenas a grotesca reação violenta e bizarra aos fatos e à verdade.

Habítamos espaço-tempo em que o falso se dissemina como pandemia viral. É o contexto de pós-verdade, no qual os indivíduos subtraem do discurso a verdade factual com o desejo nefasto de criar realidades ficcionais e perigosas à democracia. Além disso, a miséria das narrativas expressas nas *Fake News* carrega objetivos políticos e econômicos nada inocentes. Ideias que corroboram a ordem neoliberal carregadas de cosmético para camuflar o fascismo que avança com a disposição de salvaguardar o poder dos super-ricos. Realmente é impossível descolar as intenções econômicas e ideológicas expressas nas mensagens falsas, que inflacionam as redes sociais, do ultra-liberalismo triunfante. No limite, o capitalismo do século 20 criou o Cidadão Kane, magnata das comunicações liberais, a fim de interferir na progressão da democracia de massa, fabricando consenso. Do mesmo modo, o Capitalismo Tardio concebeu o bebê de Rosemary, Elon Musk, barão da plataforma de contrainformação, que, por meio das infovias neoliberais, fabrica o fenômeno pânico para destruir a progressão das democracias.

Convém insistir na ideia: “o sono das instituições democráticas produz monstros”. A pós-verdade é a condição perigosa de nosso tempo, uma vez que a realidade passa a ser simulacro do desejo de subjetividades presas ao “eu” em estado de pânico nesse internauta carregado de ódio e medo, imerso no hiperindividualismo, que subverte os laços sociais e as diferenças identitárias. Trata-se de alteridade radical, absoluta negação do outro, em que o tagarelar substitui o diálogo civilizado. É o homem-massa que, encerrado nas ciberbolhas das redes sociais, libera o fascismo que habita sua

personalidade autoritária. A composição societal de mal-estar da civilização do capital impõe a presença de esquizofrenia política, que mobiliza a guerra pura da contrainformação. Com efeito, a esquizofrenia corresponde à dissociação e dissintonia das funções psíquicas; fomenta a fragmentação da personalidade e a perda do contato com a realidade do mundo social. É a conexão alienante nas ciberbolhas de afinidade afetiva e a completa desconexão da realidade do mundo. É o deserto da realidade do mundo que marca nossa temporalidade. De modo instrutivo, o desmonte das instituições de bem-estar social criou as condições para emergência de monstros nocivos à existência do comum. Estamos no século 21 e a caixa de Pandora foi aberta; assim, todos os males da modernidade dos séculos anteriores retornam como simulacro, fantasmas assombrando as personalidades autoritárias e corroendo a civilização democrática.

A pedagogia do esclarecimento segue uma longa tradição de educação crítica que se constrói a partir da economia política e cria premissas pedagógicas baseadas na luta política pela autonomia e liberdade no coração da sociedade capitalista, campo societal cada vez mais administrado e autoritário. Bell hooks (2017), na obra-relato de sua vida intelectual – *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* –, apresenta-nos uma excelente topografia de educação como prática de liberdade em escola afro-americana que, de fato, sintetiza todo esforço dessa minha escrita que aqui se esgota:

Quase todos os professores da escola Booker T. Washington eram mulheres negras. O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural – negros que usavam a “cabeça”. Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista (hooks, 2017, p. 10).

Verdadeiramente, os muros da escola não representam fortaleza segura, posto que caminhamos à beira desse abismo socioeconômico que nos alerta ao perigo de retorno de Auschwitz. A pedagogia do esclarecimento é uma importante vereda de educação como prática de liberdade e resistência. Nessa perspectiva, é necessário que o espaço escolar crie as condições para a crescente prática comunitária de se reinventar cotidianamente a partir de ideias contra-hegemônicas que fomentem vias de emancipação. Diante do perigo iminente à civilização democrática, é necessário fazer coro às palavras de Jacques Rancière (2014, p. 121) acerca do conceito de democracia, ou melhor, sobre a importância de recuperar seu significado: “Ela é a potência que, hoje mais do que nunca, deve lutar contra a confusão desses poderes em uma única e mesma lei de dominação”. A defesa da democracia é esforço de identificação do poder que oprime e que se expressa tanto nas palavras quanto nas coisas. Enfim, a democracia é, antes, aquilo pelo que lutamos a fim de alcançar a autonomia; uma vida posta formalmente na paisagem neoliberal de perfeita placidez publicitária. É onde a desigualdade impera que temos de resistir. O esforço político-epistemológico dos educadores subscreve ato pedagógico com o propósito de criar campo de esclarecimento propenso a tornar evidente os poderes que oprimem, evitando a confusão ideológica que está solapando os traços democráticos já alcançados, hoje fragilizados, na modernidade tardia.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. São Paulo: Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. ADORNO, Theodor W. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Unesp, 2000.
- ANTOUN, Henrique. Democracia, multidão e guerra no ciberespaço. In: PARENTE, André (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. *A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade*. São Paulo: Contexto, 2022.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- GRAHAM, Stephen. *Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LATOUR, Bruno. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LAZZARATO, Maurizio. *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.
- MARCUSE, Herbert. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Unesp, 1999.
- MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *A pedagogia, a democracia e a escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MOROZOV, Evgeny. *BIG TECH: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: UBU, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. São Paulo: Estação Liberdade, 1999. VIRILIO, Paul. *Cibermundo: a política do pior*. Lisboa: Teorema, 2000.
- VIRILIO, Paul. *Guerra pura: a militarização do cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SNYDER, Timothy. *Na contramão da liberdade: a guinada autoritária nas democracias contemporâneas*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

Autor correspondente

Ronaldo Queiroz Moraes

IFRS – Campus Alvorada

Rua. Prof. Darcy Ribeiro, 121 – Campus Verdes – Alvorada – RS. CEP - 94834-413

ronaldoqueirozster@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído
sob os termos da licença Creative Commons.

